



CONVERSATÓRIO 3 - Soberania Alimentar, Mulheres e a Comida de Verdade

Denise Oliveira e Silva – Pesquisadora Titular da Gerência Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz. É nutricionista e sanitarista com mestrado em Ciência da Alimentação pela Universidade de Gand (1992), Mestrado em Ciências da Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (1995), doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (2000) e Pós-doutorado em Antropologia da Alimentação pela Ecole des Hautes Etudes en Science Sociales de Paris, França (2012). É professora do Programa de Pós Graduação Políticas Públicas da Escola Fiocruz de Governo. Professora Associada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, professora associada do Programa de Pós-Graduação do Instituto Aggeu Magalhães e do Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família, ambos da Fiocruz. Coordena o Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares. É editora chefe da Revista de Alimentação e Cultura das Américas. Coordena o Programa de Formação em Lato e Stricto Sensu de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional para Moçambique.

É sempre agradável, para mim, estar ao lado de mulheres, eu acho que essa força nunca se acaba. E essa canção, assim, como carioca, eu fico... essa lembrança da Marielle (Franco) é uma âncora para a gente não esquecer os caminhos difíceis que a gente tem que trilhar, mas que são necessários para a sociedade brasileira.

Eu conversei muito com a Lorena, troquei algumas ideias com ela, para me preparar para estar aqui, e falei com ela que era um pouco reticente a usar o powerpoint. Essas coisas às vezes, eu acho que a mulher tem essa capacidade de falar com as entranhas. Eu acho que isso é algo nato nosso que eu vou tentar trazer um pouco desse olhar que eu tenho como sanitarista, nutricionista e antropóloga também, sobre esse tema, que se mistura até com o que eu vivenciei na prática, com um pouco de teoria, que eu venho dessa área, mas eu acho que fundamentalmente ela se ilumina com a experiência vivida. E eu acho que não há como dialogar sobre esse tema sem trazer o vivido, porque o que eu acho que esse tema traz, e vocês vão me ouvir falar um pouquinho dele, é que ele emerge do olhar dos movimentos sociais. Eu acho que nós devemos aos movimentos

sociais, até em tempos muito obscuros nesse país, a resistência de criar toda essa cultura que hoje a gente tem até para nos orientar por onde a gente tem que estar caminhando.

Então, se a gente for pensar o que nós temos de matriz histórica do conceito de soberania e segurança alimentar, a gente vai ver que ele surge dentro de momentos muito obscuros da história da Humanidade, sobretudo aqui na América Latina, ele surge dentro de ideários da FAO, que é a organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, aonde você tinha na década de 70, exatamente não nos limites históricos, mas ele se iniciaria nesta década, onde esses Estados, a maioria deles, tinham ditaduras militares, se falarmos de América Latina. E muito pouco se tinham informações de crises econômicas, não só do ponto de vista dos chamados países de Terceiro Mundo, mas também as crises mundiais, exatamente pela forma que o Capitalismo vê o desenvolvimento humano.

E o conceito, ele surge com um ideário muito econômico, na perspectiva de que era necessário garantir a disponibilidade de alimentos para todo o planeta. Isso vai ser fundamental, já que estamos falando de década de 70, onde por exemplo, o país chegava em algumas áreas brasileiras a ter uma prevalência de desnutrição, às vezes acima de 60%, destaco nisso o estado de Pernambuco, diversos estudos que o professor Malaquias Batista fez e que também alguns outros históricos, mostrando como que a pobreza, a miséria, ela tem uma relação muito estreita com a disponibilidade de alimentos. E aí você vai ver essa evolução, mantendo por exemplo o que a FAO chamava de pautas alimentares, a FAO trazia o balanço do que havia disponível e o que não teria de disponível, a gente tem que lançar mão aí de algumas ideias que já vinham do século passado, as ideias do Malthus, em que a população mundial cresceria em progressão geométrica e a alimentação em progressão aritmética. E esse conceito ele vai evoluindo a partir de ideias econômicas, fundamentalmente, completamente louváveis, mas muito distanciadas de uma realidade que o próprio capitalismo traz, que é o fato de você ter processos de escolhas alimentares, que nem sempre são definidas pela existência física do alimento.

Existem outros fatores que são, por exemplo, relacionados ao que vai ser uma marca do século XX e hoje de forma muito significativa no Século XXI, a questão do processamento de alimentos. Então você vai verificar o crescimento expressivo da indústria alimentar, e isso também coincide com a década de 70, onde você vai ter também um grande fator de contribuição que é o crescimento de experiências como a Revolução Verde, em que também vai ter nas teses que deveria ter alimento disponível para a própria Humanidade. E todo esse material, que eu chamaria ideológico, ele vai se sustentando e quando nós chegamos ao final da década de 80 e início da década de 90, a gente vê que esse modelo faliu. O modelo que trouxe uma disponibilidade alimentos, mas toda ela calcada na destruição de patrimônios alimentares, na destruição de várias espécies alimentares. Se os seres humanos, no início, há dois séculos atrás tinham, talvez, centenas de itens alimentares, hoje a gente se alimenta, basta ver o que a gente tem na nossa casa, com quatro ou cinco grãos, e às vezes até com menos.

Então, o Brasil vai ser muito pioneiro e trazer, isso tem data, na Conferência Mundial da Alimentação no início de 2006, o movimento social ali liderado pelo I. Neto, Chico Meneses, o Flavio Valente e Renato Maluf, são as referências que tenho para falar sobre isso, eles vão mostrar junto com outros grupos internacionais, que era necessário não ficar apenas focando a disponibilidade física, era necessário que pudesse priorizar a disponibilidade do ponto de vista nutricional, ou seja o alimento precisa fazer bem à saúde humana. E naquela época também já havia visões muito claras de que não era só a Saúde humana. Esse alimento precisa ser produzido baseado numa perspectiva de integração harmônica com o planeta. Eu fui tentar buscar nessas fontes históricas, se haviam menções à Agroecologia, ou algumas referências como essa e não havia de maneira direta. Você pode observar, em alguns discursos, as preocupações que hoje sustentam as teses na Agroecologia.

Então a experiência brasileira, e isso é superimportante, é fundamental que a gente se considere dignos disso, vai ampliar o conceito de Segurança Alimentar, que até ali era isso que se falava nos organismos internacionais e também dentro de uma discussão ainda tímida no Brasil, a perspectiva de que era necessário se falar de uma segurança alimentar e nutricional, ou seja, não é suficiente só você ter alimentos fisicamente disponíveis. E aí é o destaque que é que com menos espécies, com maior capacidade de veicular substâncias tóxicas e que seriam geneticamente modificados. A gente está falando de uma década onde a revolução verde é um ideário importante para esses grupos capitalistas desse meio agroindustrial que vai sustentar, exatamente, que era importante ter uma maior profusão de alimentos, mas com uma característica eminentemente nociva para o ser humano e ao planeta.

Esse tipo de visão, ele vai ser fundamental para que a gente compreenda o que nós vamos enfrentar no final do século 20, já o reconhecimento de que o modelo de desenvolvimento econômico, sobretudo aquele voltado a uma produção de alimentos, ele já dava sinais de estafa no planeta, onde uma série de relações, de mudanças climáticas estavam sendo apontadas. Ao mesmo tempo nós vamos verificar uma expressão importante de algumas morbimortalidades que vão estar relacionadas ao consumo de alguns alimentos, notadamente a morbimortalidade relacionada a problemas cardiovasculares, mas também aos cânceres, mas também as alergias. Então você vai verificando o quanto que esse processo, aí a Ciência vai buscar correlações, ela vai tentar entender fatores, ela vai verificar obviamente uma categoria que muitos hoje, de forma popular já usam, que é a comida de verdade.

Ou seja, o que o modelo agroindustrial traz no século 20, ele tenta atender sociedades industriais que tem pouco tempo para cozinhar e comer, enquanto isso vai levar em consideração, existem fatores inclusive relacionados até à ida da mulher para o mercado de trabalho, e todo os arranjos que foram necessários sociais, econômicos, domésticos e familiares, que vão ser relacionados ao cozinhar e também ao comer, que vão ser a base do que hoje a gente enfrenta, sobre a relação concreta que nós temos hoje dos alimentos industrializados. Então, o que ocorre

é que a gente está lidando com a profusão importante de alimentos que perderam a sua característica de vida. Então, a gente quando compara os pressupostos de conceito de alimentos de populações tradicionais, vamos pegar as populações de matriz africana, você vai verificar a ideia do Axé, há uma energia vital nesses alimentos, e cada cultura vai se expressando de maneira distinta.

E hoje, essa categoria que a gente tem de comida de verdade, ela vai exatamente mostrar quanto que, nas sociedades industriais, pela falta de tempo, e é real. Essa falta de tempo ela tem uma característica muito perversa segundo as classes sociais, a gente pode verificar que uma boa parte de populações que dependem de transporte público, às vezes passam entre o deslocamento de casa tanto para sair quanto para trabalhar quanto para voltar, às vezes, em algumas circunstâncias ela fica 20 horas fazendo o deslocamento, chega em casa exausta, ela buscará um alimento mais fácil para ser preparado. Então, essa desconexão do que é o alimento como uma relação muito maior do que uma relação biológica, é algo que é inserido dentro do pensamento do que é o conceito de alimentação, hoje, nas sociedades contemporâneas.

Então, o que que ocorre, eu acho que o conceito se evolui na década de 90 para incorporar a dimensão nutricional, ele também incorpora a dimensão da soberania. Para nós que trabalhamos com Segurança Alimentar e Nutricional é muito difícil a gente não associar o conceito de soberania e segurança alimentar. E aí é importante fazer um destaque no que nós estamos chamando de Soberania, para que a gente não caia exatamente numa visão muito econômica da Soberania ou até muito distinta entre nações. Ou seja, eu estou aqui, eu tenho uma determinada quantidade de alimentos e eu vou controlar mercados e eu vou estimular determinados interesses. O que nós estamos falando é que é importante uma nação ser soberana no ponto de vista da sua produção mas sobretudo, também, do seu processo de escolha alimentar.

E nisso o Brasil também inova, mostrando que é necessário que o Estado, especificamente a nação brasileira, compreenda essa capacidade que nós temos como país, com essa dimensão continental, que a gente tenha, sim, soberania não só do ponto de vista do que temos hoje, em termos de tantos Biomas, aqui ouvi a pouco aqui a música de Campo Grande e hoje eu moro em Brasília, então a gente vê o Cerrado e tantos e tantos Biomas que produzem alimentos e que hoje estão ameaçados. A Soberania, ela tem a ver, no meu ponto de vista, com alguns aspectos importantes que vão ligar essa relação com os Biomas e também vão ligar com os patrimônios alimentares. Eu acho que esse é o elemento importante que a gente tem para não perceber a soberania alimentar apenas como um braço de garantia de alimentos do ponto de vista físico.

Um último aspecto que eu gostaria de trazer, é como que esses sistemas, esses ambientes alimentares estão nessa contemporaneidade. Aí, três aspectos me parecem importantes, e que eu vou juntar em um só, que é o caminho da Agroecologia. Eu, como sanitária, e durante anos na minha vida eu trabalhei avaliando o estado nutricional de crianças, de áreas faveladas, de quilombos, de áreas indígenas, então eu vivenciei isso e sempre verifiquei o distanciamento da

saúde sobre a essência do que nós podemos fazer em relação sobre a alimentação humana. E nesse caso há alguns elementos que eu creio importantes e que justificam uma mesa como essa: a primeira é a questão do papel feminino na alimentação. Por mais que tenhamos sofrido, e sofreremos, nesses dois últimos séculos, a forma de compreensão da alimentação como um capital, como um processo monetário, são as mulheres que vem sendo as guardiãs disso. São as populações tradicionais, sejam elas autóctones, ou de povos originários ou sejam elas africanas que fazem a garantia disso.

E creio que hoje também, dentro da pauta da Agroecologia, essa relação com a saúde, que para nós da Fiocruz tem sido o caminho para a gente introduzir esse componente. Porque, vamos dizer que a Fiocruz hoje, ela é uma instituição de Saúde e ela tenta dialogar de maneira intersetorial e a agroecologia hoje nos ancora. Eu por exemplo hoje não consigo mais desenvolver qualquer tipo de análise alimentar, sem entender a relação fundamental que o alimento tem com o planeta. Eu acho que esse compromisso, a responsabilidade do que eu consumo, seja na minha escolha, seja no meu ato de consumir um alimento, eu estou dialogando e harmonizando com a Natureza. Nesse ponto de vista a Saúde deve expressar isso. Então eu sempre tenho participado de eventos como esse, exatamente para que a gente contribua com a Saúde incorpore isso. Esse discurso ainda é considerado muito da agricultura. E a gente não pode deixar que ele apenas seja dialogado em pautas que não vão interferir na Saúde humana.

E por fim, eu acho que há uma questão que a Agroecologia tem trazido muito para mim, é a verdadeira aventura da gente construir novas masculinidades. Eu acho que a gente está, no ponto de vista de pensar que esse papel feminino que foi guardião de patrimônios que hoje sustenta uma série de iniciativas importantes, como eu vi aqui e como tem no livro de experiências da Agroecologia, mas também estar ensinando os homens a serem seres humanos muito mais ampliados do que o Patriarcado deixou. Muito obrigada!